

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E CIDADE 2:
CIDADES AFRO-BRASILEIRAS**

Joana D'Arc de Oliveira/Professora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo IAU-USP - São Carlos.

RESUMO GERAL

A Sessão Livre “*Relações Étnico-Raciais e Cidade 2: Cidades Afro-Brasileiras*”, proposta pela rede de pesquisa AFRO-ARQUI constituída por professores e pesquisadores de universidades africanas e brasileiras têm como objetivo promover a construção de um campo de debate, troca de experiências acadêmicas e pesquisas entre universidades sobre a problematização, operacionalização e implementação no ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais, estudos africanos e afro-brasileiros nos currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo na graduação e pós-graduação no Brasil. Esse esforço está em consonância com as Leis 10.639 e 11.645 que tornam obrigatório o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, assim como a Resolução n.01/2004 do MEC que traça diretrizes curriculares nacionais para a educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no ensino superior no Brasil. Visa ainda avançar na esfera disciplinar do Urbanismo e dos estudos urbanos sobre as questões étnico-raciais, estudos africanos, afro-brasileiros e afro-diaspóricos em suas relações com a Cidade e Urbanismo, notadamente, no que tange ao legado civilizatório dos Africanos no Brasil, ainda lacunar, na formação de arquitetos e urbanistas, na historiografia e teoria da arquitetura, no planejamento de cidades e projetos urbanos. Busca tecer a relação do Negro com a edificação de arquiteturas, territórios e cidades no país, visando traçar a construção de uma agenda nacional que venha a contemplar as relações étnico-raciais, estudos africanos e afro-brasileiros nos currículos dos cursos de arquitetura e urbanismo no Brasil. Construção essa que passa de forma indissociável com a África, na conexão entre o Brasil e a África, na diáspora negra no Atlântico, em virtude dos processos racializados que atravessam os currículos dos cursos de arquitetura e urbanismo no Brasil.

Nessa Sessão serão apresentados os seguintes trabalhos: *o Racismo e Cidade: as práticas de exclusão espacial e social dos povos negros e suas ações de resistência no interior paulista - Brasil* de Joana D'Arc Oliveira que abordará a questão racial nos processos de urbanização das cidades brasileiras tendo como recorte e objeto de análise o município de São Carlos em São Paulo; *Racionalidades Afro-Brasileiras como Lógicas de Produção de Espaço* de Maria Estela Rocha Penha que abordará a formação de bairros negros a partir de conceitos cosmológicos como alternativa epistemológica para análise de cidades, evidenciando conhecimentos produzidos na diversidade do urbano diante de africanidades, em contraponto e em paralelo, aos conhecimentos tradicionais do urbanismo; e *Rio de Janeiro: Políticas da Memória e Fragmentos da Urbanização* de Carlos Henrique Lima propõe efetuar uma leitura a partir de um dos vértices minoritários do complexo arranjo de tensões que é a cidade: a presença de negras e negros no Rio de Janeiro.

O RACISMO E CIDADE: AS PRÁTICAS DE EXCLUSÃO ESPACIAL E SOCIAL DOS POVOS NEGROS E SUAS AÇÕES DE RESISTÊNCIA NO INTERIOR PAULISTA – BRASIL

Joana D'Arc de Oliveira/Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo USP - São Carlos

Aborda a questão racial presente no processo de urbanização das cidades brasileiras, tendo como objeto de análise os municípios de São Carlos-SP e Araraquara-SP (Brasil). De acordo com o geógrafo Andreilino Campos, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, práticas profissionais executadas por médicos sanitaristas, engenheiros e arquitetos deram início a reformulação e readequação dos espaços urbanos visando, dentre outros objetivos, a exclusão dos corpos negros. Segundo Maria Helena Machado, tais ações não eram isoladas e estavam em consonância com o racismo científico em voga na Europa, que postulava cientificamente a inferioridade racial dos povos negros. No Brasil, tais premissas foram apropriadas por planejadores urbanos que teceram os espaços a partir dos quesitos econômicos e raciais. Nessa perspectiva, ações como: demolições de cortiços, criminalização da cultura negra e encarceramento de negros e negras que ousaram “violiar” as normas e condutas morais vigentes, como o caminhar pela região central em dia útil, passaram a estampar as páginas de jornais locais e a integrar códigos de posturas e processos criminais arrolados nas cidades. Nos municípios de São Carlos e Araraquara no interior paulista, tais condutas profissionais emergiram em vários documentos, trazendo à tona o preconceito racial implícito em projetos e legislações urbanísticas. Como destaca José Tavares de Lira, o pensar e o agir urbanístico, no período analisado, estavam em consonância com o projeto de branqueamento da população brasileira e de exclusão social e espacial da população negra. Dessa forma, articulando autores como Andreilino Campos, Maria Helena Machado, Lilia Moritz Schwarcz, Raquel Rolnik, José Tavares de Lira e Henrique Cunha Jr, e documentos como códigos de posturas, jornais e processos criminais do final do século XIX e início do XX, o artigo destaca práticas profissionais pautadas e alicerçadas no preconceito racial e que foram responsáveis pelo ordenamento e zoneamento da cidade de São Carlos-SP após a abolição do sistema escravista.

RACIONALIDADES AFRO-BRASILEIRAS COMO LÓGICAS DE PRODUÇÃO DE ESPAÇO

Maria Estela Rocha Ramos Penha/Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNIME

Contextos de formação de bairros negros a partir de conceitos cosmológicos como alternativa epistemológica para análise de cidades são aqui explorados, evidenciando conhecimentos produzidos na diversidade do urbano diante de africanidades, em contraponto e em paralelo, aos conhecimentos tradicionais do urbanismo. Toma-se como análise a energia vital [axé/ntu] e ancestralidade como parte de valores sociais e religiosos do terreiro de candomblé, síntese de culturas africanas na diáspora africana que estabelece a principal forma social

negra brasileira, cujos desdobramentos aparecem na constituição da forma urbana negra. A energia vital e ancestralidade irradiam-se no entorno do terreiro, como componentes de formação de bairros negros, não só pela materialidade e organização espacial, mas também pelas ambiências que são produzidas pelas experiências individuais e coletivas, apreendidas por subjetividades. A partir do conhecimento elaborado pelos produtores do espaço, moradores de bairros negros, verifica-se que existem modos diferentes de relacionamento com o real, no qual culturas negras criam visões de mundo que delineiam modos de vida no tempo e no espaço. Valores afro-brasileiros são hegemônicos nos bairros negros, sendo estes contra-hegemônicos na escala da cidade, cujas resistências são marcadas por racionalidades afro-brasileira.

RIO DE JANEIRO: POLÍTICAS DA MEMÓRIA E FRAGMENTOS DA URBANIZAÇÃO

Carlos Henrique Lima/Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNB

No país, a formação do campo do urbanismo deriva, dentre outras razões, do controle dirigido à população negra, escravizados e africanos. Se na Europa predominaram, no final do século XIX, ideias relacionadas à equação de problemas habitacionais, ampliação programática demandadas por novas funções urbanas; em territórios colonizados as práticas urbanísticas foram adensadas a partir de expedientes voltados à extração e disciplinamento do espaço. Partindo dessa premissa e analisando o espaço urbano do Rio de Janeiro no Final do séc. XIX, propomos incluir edificações pouco consideradas na história urbana, edifícios considerados epifenômenos, mas que são centrais para abordar as políticas da memória e seus embates no espaço. Ao Rio da aurora do século XX caracterizado por seus equipamentos públicos, escavamos a memória de uma cidade feita de violência e expulsões, seja por realizações ou por ações que resultaram em deslocamentos no território que imprimem marcas ainda que ainda ressoam no espaço metropolitano.